

DOS FIOS DA MEMÓRIA À PALAVRA: TRAJETÓRIAS DE VIDAS E LUTAS FEMININAS NO ASSENTAMENTO MACEIÓ – ITAPIPOCA, CE (1960-1986)

Lígia Rodrigues Holanda¹

Sarah Diva da Silva Ipiranga²

Resumo: O artigo ora apresentado é parte da pesquisa em andamento no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará e tem como objetivo propiciar uma reflexão sobre o papel histórico das mulheres inseridas no contexto de luta pela terra, desencadeada entre os anos de 1960 e 1986, que culminou na criação do assentamento Maceió, em Itapioca - Ceará. A partir da História das Mulheres e das fontes literárias que compõem o acervo de poesias produzidas pelas camponesas, busca-se mapear o processo de formação das identidades femininas e suas interfaces com a luta pela terra e inserção nos movimentos sociais. O estudo, portanto, propicia a possibilidade de analisar e entender como essas experiências femininas se processaram e que repercussões elas encontram no cotidiano da comunidade.

Palavras-chave: mulheres, conflitos agrários, território, poesia.

A terra: moeda da posse

Um dos aspectos que mais marcou o modelo político brasileiro foi a existência perene de uma classe política que tanto se vinculou a interesses agrários, quanto ao domínio de funções públicas no Estado (FAUSTO, 2007). Esse “pacto agrário” possibilitou a manutenção de uma estrutura fundiária pautada no latifúndio e na monocultura de exportação e, embora em toda trajetória histórica do país tenha havido tensões, de menor ou maior porte, a questão agrária só ganhou força no período republicano, sobretudo a partir do Estado Novo, quando passou a estar no centro de alguns debates, sem que, contudo, isso se convertesse em uma mudança significativa.

Nacionalmente o movimento camponês passa a engendrar ações mais consistentes a partir da organização das Ligas Camponesas, que na década de 1950

¹ Universidade Estadual do Ceará. ligiarholanda@gmail.com.

² Universidade Estadual do Ceará. sarah.diva@uece.br.

ganharam eco com seu lema “Reforma Agrária na Lei ou na Marra” e estiveram no centro da primeira experiência de reforma agrária do país: o engenho Galiléia no município de Santo Antônio em Pernambuco.

No contexto dos conflitos agrários, as mulheres surgem como importantes agentes desses processos de lutas sociais, embora sua participação tenha sido, muitas vezes, relegada a um papel secundário na condição de meras apoiadoras dos maridos. Algumas delas conseguiram romper com esse silenciamento, tornando-se referências para o movimento de mulheres, como é o caso de Margarida Alves, Elizabeth Teixeira e Nazaré Flor³.

Cabe salientar que esse processo de seleção entre o que 'ser lembrado' e o que 'ser silenciado' está imerso em uma dinâmica de poder que aqui se apresenta a partir das questões de gênero e, que também foi contundente na produção historiográfica, que apenas nas últimas décadas tem gradativamente voltado seus olhares para grupos sociais antes esquecidos, fruto de um movimento no cerne da própria disciplina histórica, em que a história nacional e seus grandes personagens deixaram de ser exclusivos. Assim essa nova produção historiográfica incorpora não só outros temas, como outros sujeitos históricos.

Nesse sentido a História Social funcionou como um “veículo” que possibilitou a emergência da história das mulheres, uma vez que ela “pluralizou os objetos de investigação histórica, admitindo a grupos sociais de camponeses, operários, professores e escravos uma condição de sujeitos históricos” (SCOTT, 1992, p.81).

Esses “outros” sujeitos foram então alçados a uma nova condição a partir do reconhecimento de que a história é feita não só no âmbito da política ou da economia. No que tange à História das Mulheres foi necessário inclusive colocar em xeque a categoria “Homem” assimilada até então como universal em busca de reafirmar o papel histórico das mulheres em suas diversas formas de atuação enquanto sujeito histórico:

³ Margarida Alves foi presidente do sindicato dos trabalhadores rurais na Paraíba assassinada a mando dos proprietários de terra em decorrência de sua atuação em defesa dos trabalhadores rurais; Elizabeth Teixeira foi membro das Ligas Camponesas no estado da Paraíba e sua trajetória de vida ganhou repercussão nacional a partir das gravações do filme “Cabra marcado pra morrer”, de Eduardo Coutinho e; Nazaré Flor, liderança do Assentamento Maceió, membro do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste e da Rede de Mulheres Rurais da América Latina e Caribe – Rede LAC, foi ainda importante poetisa popular.

Tornar-se sujeito não é somente o crescimento do poder físico, do poder do corpo; é também o reconhecimento da valorização de uma imagem. É, portanto, o jogo dos modos de subjetivação que fazem e desfazem uma identidade, tecendo outra, desmontando e remontando os dados que definem o campo dos possíveis, agenciando, além disso, o direito e a capacidade, o texto e a realidade, as palavras e os corpos (DEL PRIORE, 1997, p.395).

É nesse sentido que, nesta pesquisa, tomamos como pressupostos teóricos os referenciais da história social das mulheres, numa busca de reconstituir as trajetórias de vida e luta feminina no processo de organização e conquista da terra que veio a se tornar o assentamento Maceió – o primeiro assentamento de reforma agrária da zona costeira do estado do Ceará, a partir do conflito desencadeado entre os anos de 1960 – 1986. Buscamos adentrar os universos dessas mulheres, compreender seu papel histórico a partir de suas vivências, experiências e posicionamentos diante do contexto de conflito pela terra.

Impõe-se a necessidade de documentar a experiência vivida como possibilidade de abrir caminhos novos. Outras interpretações de identidades femininas somente virão à luz na medida em que experiências vividas em diferentes conjunturas do passado forem gradativamente documentadas, a fim de que possa emergir não apenas a história da dominação masculina, mas, sobretudo os papéis informais, as improvisações, a resistência das mulheres (DIAS, 1992, p. 374).

Nossa busca por “abrir novos caminhos” se esboça fora do quadro dos grandes acontecimentos, pois lembramos que a história “se constrói no dia-a-dia de discretos atores que são a maioria” (DEL PRIORE, 1997, p. 386). No nosso caso, mulheres camponesas, de uma região que na época era bastante afastada dos grandes centros urbanos e que empreenderam junto aos seus filhos, filhas e maridos uma série de resistências que culminou na conquista da terra em que vivem.

Mulheres e conquista da terra no Assentamento Maceió – CE

Ao percorrer a faixa litorânea do município de Itapipoca-Ce, chega-se à praia do Maceió, que a princípio parece deserta, e, portanto, aberta ao desejo da crescente indústria do turismo - sedenta por paisagens paradisíacas. Mas um olhar atento logo se

depara com a pequena comunidade de pescadores artesanais composta por casas simples e embarcações à vela. Um pequeno cemitério, cujos restos mortais têm sido arrastados pelo mar que avançou nas últimas décadas, também dá indícios que este é, há anos, um “lugar vivido”. Ao lado das casas, abre-se uma pequena estrada de terra que liga a comunidade de Apiques a outras 11 comunidades que compõem o território do Assentamento Maceió. Ao longo dessa estrada, nos deparamos ora com pescadores vindos de lugares distantes exercer a sua lida, ora casas mais isoladas em cujos alpendres as crianças brincam; pequenas plantações e coqueirais que tempos atrás eram objeto de desejo que deu impulso ao conflito pela terra.

Logo se chega aos pequenos conglomerados de casas, todas com seus terreiros cheios de árvores frutíferas, pequenas plantações, animais “de criação”. As casas, quase sempre avarandadas, são espaços privilegiados das conversas de fim de tarde, numa cena que parece se repetir: homens deitados em suas redes, ao lado um grupo de mulheres com suas almofadas e bilros e, em volta, crianças brincando.

As mulheres reunidas após um dia de trabalho árduo, cuidando das plantas do terreiro e dos animais de criação, fazendo a alimentação e dando alento às crianças, dedicam-se a fazer a renda de bilro, mostrando destreza ao executar um emaranhado de fios coloridos. Essa dinâmica só é interrompida por ocasião das reuniões da associação ou das atividades religiosas. A feitura da renda de bilro agrega mulheres de várias idades e muitas delas foram as personagens de uma trama de luta pela terra e por melhores condições de vida.

Segundo os registros da memória local, os moradores do assentamento viviam na terra há sucessivas gerações, entretanto, apenas três famílias detinham a propriedade desta e de outras áreas: os Soares, Carneiros e Pracianos, que cobravam arrendamento pela terra, além de comumente arregimentar mão de obra compulsória, seja nas suas lavouras individuais, ou na feitura de estradas carroçáveis e outras obras. Era comum ainda o controle da produção de alguns gêneros, principalmente os cocos, cuja produção era monopolizada pelos proprietários:

Naquele tempo a gente fazia chimbéu por causa da fome. Chimbéu é feito da rapa [a carne] do coco verde com água de coco e farinha. Bem gostosa e os meninos enchiam a barriguinha e iam brincar. Os quatro

coqueiros eram nossa salvação e aqueles safados queriam tomar nossos coqueiros⁴.

Os coqueirais, mesmo dentro das áreas arrendadas, só poderiam ser plantados com a autorização dos proprietários que controlavam também a comercialização da produção. Mesmo com todo o controle, muitos são os relatos de resistência e recusa ao modelo vigente, entretanto, aconteciam de forma esparsa, realizada cotidianamente por cada família, e, por isso, não apresentavam riscos aos proprietários.

Em meados da década de 1960, o descontentamento dos moradores começou a ganhar contornos de uma articulação mais coletiva, impulsionado a princípio pela chegada do Círculo Operário⁵, que foi trazido pelo padre José Dourado da paróquia de Amontada, município vizinho. Foi a partir daí que se desencadearam as primeiras discussões de cunho político e teve início uma mobilização para construção, em regime de mutirão, de uma “escolinha”, com o dinheiro arrecadado em quermesses. As alfabetizadoras eram as pessoas mais letradas da própria comunidade.

O Círculo Operário foi combatido com veemência pelos proprietários, sobretudo por haver externamente um cenário no qual a Reforma Agrária encontrava força nos debates políticos (FAUSTO, 2007) e pelo Regime Militar instaurado no ano de 1964. Por volta de 1966 dois membros do Círculo Operário, João de Aninha e Preá⁶, foram perseguidos e tiveram suas casas derrubadas. Perseguição que não cessou, seguindo-se vários casos de plantações destruídas, casas queimadas e mesmo torturas físicas realizadas na sede da polícia em Itapipoca, havendo uma forte ligação com os proprietários das terras, a polícia e os chefes políticos da região.

A Igreja continuou atuando na região a partir dos adeptos da Teologia da Libertação que vinha sendo gestada desde o Concílio Vaticano II na primeira metade da década de 1960 e que, na região Noroeste do estado, ganhou força a partir do bispado de

⁴ JOANA *apud* MCCABE, Mary Alice(Org). **A nossa luta foi uma luta sagrada:** o povo do assentamento Maceió conta a história de sua luta pela terra. Fortaleza: Instituto Terramar, 2015, p. 28.

⁵ O Círculo Operário foi criado na década de 1930 e era parte de uma proposta de reforma social encabeçada pela Igreja católica.

⁶ Op. Cit., p. 41-44.

Dom Paulo Pontes, da presença do padre jesuíta Felipe Carsi e do crescimento do Movimento do Dia do Senhor e da Rádio Educativa de Sobral⁷.

Através desses agentes externos, os moradores do território que viria a ser o Assentamento Maceió passaram a ter uma atuação política mais sistematizada, contando com a união dos moradores e com o apoio de membros da Igreja e de advogados que representavam seus interesses perante a justiça e davam visibilidade às suas demandas. Este novo contexto motivou, no ano de 1980, os proprietários a venderem a terra para o empresário Tasso Jereissati,⁸ que além de deter poder econômico já ocupava posição de destaque no cenário político do estado. O novo proprietário tinha a intenção de instalar uma empresa de plantio e beneficiamento do coco. Seria possível afirmar que essa mudança desencadeou uma segunda etapa no conflito agrário em questão, pois os moradores se viam ainda mais ameaçados, agora não só de pagar rendas indevidas e sofrer “castigos”, mas de ser expulsos. Nesse quadro há tanto uma intensificação da repressão e dos conflitos, quanto da mobilização popular que só cessará, ou ao menos, ganhará novos contornos⁹ no ano de 1986 com a criação, através do INCRA, do assentamento Maceió, dando a propriedade coletiva da terra aos trabalhadores.

No contexto de luta ora apresentado, as mulheres tiveram um papel fundamental, participando das mobilizações e mesmo do enfrentamento à polícia e aos pistoleiros. Elas gradativamente ultrapassaram seus limites de atuação, rompendo com um discurso que atrela a mulher à fragilidade e à dependência e, ocuparam ao lado, ou mesmo à frente de seus companheiros, a cena política local.

Aliás, essas mulheres desde muito vinham ocupando os espaços públicos, uma vez que a própria condição de pobreza as lançava no mundo do trabalho. Além de se dedicarem às atividades agrícolas em seus terreiros, participavam das farinhadas,

⁷ O Movimento do Dia do Senhor foi fundado no ano de 1965 pelo Pe. Albani Linhares da diocese de Sobral. Sobre o assunto cf. BEZERRA, Viviane Prado. “Porque se nós não agir o pudê não sabe si nós isiste no mundo”: O MEB e O Dia do Senhor em Sobral (1960-1980). 2008, 210f. (Dissertação) Fortaleza: UFC, 2008. Disponível em < <http://www.historia.ufc.br/admin/upload>>.

⁸ Tasso Jereissati é um dos principais empresários do estado do Ceará. Filho do senador Carlos Jereissati, atua desde jovem no cenário político cearense, tendo exercido três mandatos de governador, o primeiro deles entre os anos de 1987-1990. Assumiu ainda o cargo de senador.

⁹ Os membros da comunidade relatam que, após a regularização fundiária, foi vivenciada uma nova fase, por vezes, mais difícil que a anterior, na qual tiveram de lidar com questões burocráticas pertinentes ao gerenciamento de projetos produtivos.

atividade eminentemente comunitária que congregava homens e mulheres; comercializavam seus artesanatos nas comunidades próximas e na sede do município, e exerciam a tecelagem, atividade feminina que era realizada em grupo nas casas daquelas que possuíam equipamentos ou em galpões comunitários. Ainda assim, “introjetavam a visão dominante e não reconheciam suas atividades como trabalho, mesmo quando recebiam remuneração” (SOIHET, 1997, p.411).

A tecelagem foi fundamental para a organização feminina. Além de ser o espaço no qual elas podiam se encontrar, compartilhar um ambiente de intimidade, era também a ocasião em que elas se organizavam para traçar suas estratégias em relação aos conflitos agrários. Somava-se a isso a participação na Igreja católica que, como dito anteriormente, foi um dos *locus* de organização dos movimentos camponeses da região. As mulheres já atuavam na igreja em atividades litúrgicas e, principalmente na catequese e, gradativamente, foram recebendo formação política. A atuação das religiosas da congregação *Sisters Notre Dame de Namur* foi fundamental para que elas tivessem contato com o movimento feminista e ampliassem seu leque de discussões, abordando questões como gênero, trabalho, corpo e sexualidade.

É comum escutar relatos sobre a participação dessas mulheres que, acompanhadas pelas crianças, se colocavam à frente nos momentos de enfrentamento aos patrões, à polícia e a pistoleiros, portando a bíblia e cantando músicas religiosas. Essa era uma estratégia de intimidação à qual eles atribuem o fato de não ter havido nenhuma morte durante os conflitos. Normalmente essa memória é contraposta a realidades de outros assentamentos contemporâneos em que ocorreram crimes de pistolagem¹⁰. Voltamos a lembrar que, somava-se ao contexto de violência e poder exercido pelos latifundiários, o fato de que o país ainda vivia o período do regime militar, marcado pela forte repressão a qualquer forma de organização social.

Versos de resistência e pertencimento

¹⁰ Pode-se citar o assentamento Lagoa do Mineiro em Itarema, no qual as mulheres também estiveram à frente e três lideranças foram assassinadas brutalmente. É possível encontrar outras informações no documentário “Canções de Libertação” cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=SMWn2WVx23>>

O processo de conquista identitária das mulheres, além da luta pela propriedade da terra, passou por uma outra forma de ocupação que particulariza ainda mais o Assentamento Maceió: a conquista da palavra.

Inicialmente a apreensão da leitura e da escrita se deu em um contexto de organização comunitária com a escola do Circulo Operário ainda na década de 1960, que, embora tenha durado pouco em função da perseguição política, impactou a vida dos camponeses:

Vê como funcionava essa nossa educação
Somente o livro e o lápis, nem caneta nem borrão
Não tinha acesso a nada, as cadeiras era o chão.
Mas mesmo assim desta forma, clariou mais um pouquinho
Porque nem isso nós tinha, era muito mais ruim
Pra nós foi uma luz que recebemos em fim¹¹

Nos anos seguintes, a comunidade recebeu uma nova experiência de escola, desta vez formada pelo Movimento de Educação de Base - MEB¹², através das Rádio Educativas. Também aqui as aulas eram pensadas no sentido de contribuir com a organização popular e tinham como alfabetizadores educadores locais que detinham maior grau de instrução e que atuavam como mobilizadores, participando de encontros externos com outras comunidades. Esses espaços educativos contribuíram não só para o domínio da palavra escrita, mas, pela liberdade de exercer a fala, para que as mulheres, que antes tinham seus espaços restritos, agora pudessem alçar suas vozes.

Verificou-se, no grupo em questão, uma acentuada produção literária, na qual os cordéis tiveram uma importância essencial nesse processo. O território, agora da linguagem, passou a ser liricamente ocupado por essas mulheres, que tomaram a palavra para contar a sua história: “Caros espectadores, que estão a apreciar,/ Quero contar-lhes um fato, todos podem acreditar:/ O Maceió como foi e agora como está” (FLOR, 2002, p. 12).

Destaca-se neste contexto a voz de Nazaré Flor. Com a publicação de *Canção e poesia* (2002), ela amplia a conquista do assentamento, porque o faz história escrita e

¹¹ PAZ, Maria da *apud* MCCABE, Mary Alice(Org). **A nossa luta foi uma luta sagrada**: o povo do assentamento Maceió conta a história de sua luta pela terra. Fortaleza: Instituto Terramar, 2015, p.45.

¹² Organismo ligado a Conferência Nacional de Bispos do Brasil. Desde sua fundação, na década de 1960 atua no campo da educação popular.

cantada, numa dicção pessoal e coletiva que tem a força da mulher como o sopro inicial: “Vem, irmã, comigo!/Vem, me dá a mão!/ Vem mostrar tua garra,/ Na força da união!” (FLOR, 2002, p. 23). Retomando uma tradição nordestina, a dos cantadores, redimensiona o verso em seu apelo social e dedica sua poesia à luta das mulheres. Por meio do canto, ela trabalha com categorias caras à história das mulheres (gênero, trabalho, identidade), à história política (fatos nacionais, cidadania) e às condições sociogeográficas (mar, sertão, plantas), reterritorializando-as pelo alcance do verso. Por isso, o livro, dividido em duas seções (Força guerreira e Força sonhadora), poetiza os vários saberes e campos de atuação das mulheres (renda, pesca, maternidade, feminilidade) e amplia alocando questões específicas da posse da terra (a igreja, a participação nas conferências nacionais, os enfrentamentos políticos etc.).

Segundo Helena Buescu, a identidade “é constituída através da história e é esta história que permite a autoconsciência e a *auto-expressão* do sujeito enquanto tal” (2001, p. 85; grifo nosso). Há, portanto, um entrecruzamento entre identidade e território que busca um *percurso interior*, revelado na auto-expressão ou representação pela palavra. A escrita em Nazaré inicialmente é posse individual, a conquista de um saber antes consagrado às classes mais abastadas ou intelectuais. Afrontando esse estereótipo, ele toma a palavra para si. No entanto, alfabetizada, acrescenta ao escrito, forma de poder da língua, a oralidade encantada dos menestréis. Esse percurso interior faz-se sempre em par com a comunidade e as outras memórias do grupo passam a ser a voz ativa de seus versos. A memória, em seus vários desdobramentos (pessoal, histórica e da natureza), funde-se na poesia e revela um texto que busca mediar essas experiências e sobretudo dá-las orgulhosamente a ver.

Considerações finais

O fazer poético das mulheres do assentamento Maceió se construiu como uma narrativa de pertencimento a uma terra que, ao ser vista como dádiva divina, está envolta em uma sacralidade na qual o próprio ser humano nasce: “Sabemos que a terra é nossa, ninguém pode mais tomar/ Porque a terra de Deus, ficou pra todos morar (...)/ Mas é herança justa, foi Deus

quem nos enviou/A terra é nossa mãe, foi ela quem nos criou (...)”¹³

Logo a terra não é apenas um espaço de sobrevivência econômica, mas também lugar de produção cultural, terra “herdada” onde “nasceram e se criaram os bisavôs, avôs, pais e mães” e onde se cunharam formas específicas de viver e de significar a vida individual e coletiva. A criação do assentamento Maceió acena a possibilidade de permanência nesse espaço e a poesia parece ser a consagração do que as narradoras e seu povo conquistaram. Cantar a posse é tê-la duas vezes. Percebe-se claramente nos versos a alegria de ser, de poder ser e de compartilhar as experiências.

Referências Bibliográficas:

- BUESCU, Helena. Identidade e memória literária. In: _____. **Grande Angular: Comparativismo e práticas de comparação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1997.
- DIAS, Maria Odila L. da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: **Estudos feministas**. N. 2, 1994.
- FAUSTO, Boris (Org.) **História geral da civilização brasileira**. Vol. 10, tomo III. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. **História geral da civilização brasileira**. Vol. 11, tomo III. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- FERREIRA, Antônio Celso. Literatura a fonte fecunda. In: PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- KUNZ, Martine. **Cordel a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da cultura e desporto do Ceará, 2001.
- LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. In: **Anuário Antropológico/2002-2003**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, pp. 251-290
- MCCABE, Mary Alice (Org.) **A nossa luta foi uma luta sagrada: o povo do assentamento Maceió conta a história da sua luta pela terra**. Fortaleza: Instituto Terramar, 2015.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1997.

¹³ PEREIRA, Tereza. *apud* MCCABE, Mary Alice (Org.). **A nossa luta foi uma luta sagrada: o povo do assentamento Maceió conta a história de sua luta pela terra**. Fortaleza: Instituto Terramar, 2015, p. 220-221.



SOUZA, Maria Nazaré de. **Canção e Poesia**. Fortaleza: Centro de Estudos do Trabalho e da Assessoria do Trabalhador – CETRA, 2002.